

TRADUÇÃO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CAPTAIN UNDERPANTS EM ESTUDO

Thaís Helena Affonso Verdolini¹

RESUMO

Um campo pouco explorado nas discussões em torno do ato tradutório é o que descreve e analisa a aplicação dos níveis sociolinguísticos na tradução. Outro assunto cujos estudos ainda são escassos no Brasil é o da tradução de obras infantis atuais. A presente investigação busca verificar de que maneira se organizam as variantes linguísticas dentro do processo tradutório de uma obra literária infantil. O *corpus* é uma obra contemporânea, a série de livros *The Adventures of Captain Underpants* (1997) de Dav Pilkey (no Brasil, *As aventuras do Capitão Cueca*, 2001). Por meio deste estudo particular, procura-se compreender como as variações linguísticas, em especial a variação diastrática, ocorrem no processo de tradução. O embasamento teórico de tradutologia parte de Bassnet (2003), Milton (2002), Newmark (1988), Nida (1974) e Wyler (2003). A fundamentação dentro da pesquisa sociolinguística calca-se nos estudos de Preti (1984, 2003), Tarallo (1984), e Bagno (2007).

Palavras-chave: tradução, sociolinguística, variação linguística, literatura infantil.

ABSTRACT

There are few studies concerning the description and analysis of the sociolinguistic levels in translation. Another field of study which lacks further research is the translation of contemporary children's literature in Brazil. The present paper searches to analyze how linguistic variations are organized in the translation of a child's book. The *corpus* is the contemporary book series *The Adventures of Captain Underpants* (1997) (in Brazil, *As aventuras do Capitão Cueca*, 2001). The study of this book series aims at understanding how linguistic variations, especially the diastratic variation, take place in the translation process. The theory on translation used is by Bassnet (2003), Milton (2002), Newmark (1988), Nida (1974) and Wyler (2003). The theory on sociolinguistics is based on the studies of Preti (1984, 2003), Tarallo (1984), and Bagno (2007).

Key words: translation, sociolinguistics, linguistic variation, children's literature.

Tradução, literatura infanto-juvenil e sociolinguística

A problemática da tradução é tão antiga quanto a diversidade das línguas, e sua origem se perde nos tempos, chegando-se até ao mito da Torre de Babel. Como a punição da história bíblica, o problema da tradução continua a ser proposto e revisto, sem ainda ser completamente resolvido. A ciência da tradução, também chamada de tradutologia ou estudos da tradução, é uma das mais jovens ciências legitimadas e com crescente respeitabilidade no meio social.

Nas últimas quatro décadas, muito se discorreu sobre tradução, e diferentes abordagens foram surgindo acerca de seu significado, seus objetivos, sua postura, sua relação com outras ciências e seu futuro, aumentando o instrumental teórico para se refletir

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

sobre a mesma. O que parece nunca ter ficado à margem desses debates é a necessidade proeminente e indiscutível da tradução. Desse modo, naturalmente, a tradução suscita interesse neste nosso mundo em rápida transformação.

Bassnet² afirma que a aparente divisão entre as abordagens cultural e linguística da tradução, surgida quando os primeiros estudos opunham-se uns aos outros, está desaparecendo: “o importante trabalho de estudiosos (...) contribuiu muito para derrubar barreiras que separavam as disciplinas e para empurrar os estudos de tradução para longe de uma posição de possível confronto”.

A autora³ sugere que as abordagens, se excludentes, acabam empobrecendo os estudos tradutórios. Abordagens que privilegiam o texto traduzido desconsideram, de certa maneira, o texto original e seu contexto cultural, histórico e literário. Estudos que realçam somente o texto fonte também anulam tudo que envolve a recepção do texto de chegada. Pesquisas que enfocam apenas as equivalências semânticas e estruturais deixam de lado, muitas vezes, aspectos extralinguísticos.

Muitos estudos foram, e continuam sendo, preciosas tentativas de normatizar e refletir acerca da tradução. É fundamental observar que nenhuma abordagem consegue, sozinha, recobrir todos os problemas relacionados à difícil tarefa de traduzir. Juntas, porém, elaboram uma teoria compósita que nos dá condições de compreender melhor o processo tradutório.

Nesse contexto em que a tradução é atividade essencial e no qual estudos tradutórios voltam-se para as mais variadas áreas do conhecimento – como as dificuldades de se traduzir um poema, os aspectos psicanalíticos da tradução e a visibilidade do tradutor, entre outros – um campo ainda a explorar é o que descreve e analisa a aplicação dos níveis sociolinguísticos na tradução. Há poucas publicações referentes ao tratamento dado à variedade linguística no processo tradutório.

Outro assunto cujos estudos ainda são escassos no Brasil é o da tradução de obras infantis atuais. Primeiramente, grande parte das pesquisas acerca da literatura infantil em geral encerra-se nos anos 80; depois, a maioria trata do gênero por épocas, mencionando o que havia de mais significativo nas mesmas, mas se ocupa muito pouco do processo tradutório das obras que aqui chegavam. Por fim, muitos desses estudos buscam retratar

² BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 5.

³ *Ibidem*.

mais profundamente a formação da literatura nacional, dando pouca ou nenhuma ênfase ao mercado de livros traduzidos, como lembram, por exemplo, Lajolo e Zilberman⁴ em sua obra sobre literatura infantil: “deixamos de levar em conta os textos traduzidos que, majoritários na década de 70, são absolutamente fundamentais para a história da leitura infantil brasileira”.

Assim, esta investigação busca verificar de que maneira se organizam as variantes linguísticas dentro do processo tradutológico de uma obra literária. Para tanto, escolheu-se como *corpus* uma obra contemporânea, *The Adventures of Captain Underpants* (1997) de Dav Pilkey (no Brasil, *As aventuras do Capitão Cueca*, 2001), a qual se utiliza de um linguajar informal e moderno e que contém o dinamismo das histórias em quadrinhos em sua narrativa. Busca-se compreender, por meio deste estudo particular, como as variações linguísticas, em especial a variação diastrática, ocorrem no processo de tradução.

Essa coleção de livros infanto-juvenil, grande fenômeno de vendas nos Estados Unidos⁵ e nos países para os quais foi traduzida⁶, traz a linguagem da criança, e é repleta de gírias e expressões idiomáticas peculiares. Constitui uma obra com diversas possibilidades de estudo no campo da tradução da variação diastrática, em especial as questões da gíria e da linguagem escrita de crianças em fase de alfabetização.

Ademais, os livros da série *Capitão Cueca*, traduzidos por diferentes pessoas, a maior parte delas profissionais desconhecidos, mostram uma possível tendência no ramo da tradução, no qual há espaço para diversas modalidades de tradução e tradutores distintos.

Não há um estudo específico sobre a tradução de literatura infantil no Brasil. Como era de se esperar, as pesquisas a respeito de literatura infantil brasileira centram-se, em grande parte, nos textos de autores nacionais. Sabe-se o que havia traduzido, mas não a qualidade nem os moldes da tradução. Além disso, raros são os estudos do momento pós-moderno, algum material que trate do gênero nos anos 90 e 2000. Os maiores pesquisadores do assunto, Leonardo Arroyo, Nelly Coelho, Marisa Lajolo, Regina

⁴ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2007, p.12.

⁵ 26 milhões de cópias vendidas nos EUA entre 1997 e 2009, de acordo com http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_best-selling_books#cite_note-177.

⁶ “The award-winning Captain Underpants books have received rave reviews across the nation and have been translated into numerous languages, including Spanish, Italian, Portuguese, Korean, Greek, Norwegian, Dutch, German, and Hebrew.” <http://astore.amazon.com/kidsourceonline/detail/0439698626>.

Zilberman, Lígia Cademartori Magalhães e Sonia Salomão Khéde, têm suas obras publicadas até, no máximo, final do anos 80. Mesmo as edições recentes não trazem atualização.

A literatura, como elemento integrante da produção cultural, vislumbrou muitas mudanças, não só em sua essência, dada a urgência da disseminação de novas ideias e informações para atender novos interesses, mas também, e principalmente, em sua forma de lidar com a tradução, a editoração e a distribuição. A pressa do mundo contemporâneo chegou aos livros. Cada vez mais é preciso lançar novos títulos e fazer com que obras de boa vendagem no exterior cheguem rapidamente à nossa língua.

A literatura infantil, também importante parte da produção cultural, encontra-se, hoje, em uma situação desafiadora frente aos múltiplos e variados meios com os quais divide espaço. A própria configuração da infância parece estar alterada, devido às modificações no estilo de vida e nas relações humanas do contexto atual em que vivemos.

A globalização e a rapidez da informação exigem uma literatura cada vez mais dinâmica e ágil. Crianças e jovens têm acesso a tudo, o tempo todo. A divulgação veloz dos produtos e sua aparição na mídia exigem do mercado traduções ligeiras para a vantajosa produção se estender a outros países.

A produção literária infanto-juvenil deve ser sempre renovada, visto que o conceito de infância, e mesmo de juventude, muda frequentemente. A leitura deve ser estimulada como um hábito prazeroso, pois isso pode contribuir para a adesão de seus leitores ao mundo das letras dos adultos. Enquanto arte, a literatura, nacional ou traduzida, será sempre indispensável. Destarte, sua produção, tradução e distribuição merecem todo o cuidado possível.

No mundo de hoje, porém, tudo gira em torno, principalmente, de interesses financeiros. Para as editoras, que pagam impostos, necessitam de tempo para publicar e têm de manter a qualidade de seus livros para preservar leitores, restou a competição com a Internet, onde quase tudo é gratuito e instantâneo, onde uma miríade de artigos jornalísticos, ensaios literários e estudos acadêmicos encontra espaço para publicação a todo momento. Nessa nova conjuntura, muitas vezes sem alternativa, algum elemento acaba por ser deixado de lado. Não é preciso ir muito além para perceber-se que a qualidade sofre as consequências.

A tradução não é uma profissão reconhecida no Brasil, e ainda há muito desdém com a tarefa, que é em geral mal paga e pressionada com prazos curtíssimos. Alguns lutam para trabalhar na área e conseguir um bom mercado de trabalho, outros têm um segundo emprego para sustentar-se e fazem da tradução um “extra”, não sendo, muitas vezes, nem profissionais formados.

Talvez seja esse um dos fatores que façam, muitas vezes, com que a qualidade da tradução fique comprometida, principalmente nos casos em que a obra a ser trabalhada contém elementos árdus, que constituem dificuldades tradutórias, como gírias, jargões, expressões idiomáticas, dialetos etc.

O estudioso John Milton ressalta a falta de motivação dos tradutores brasileiros para buscar a qualidade em obras mais árdus e inovações para aquelas que contêm algum elemento linguístico especial:

Apenas raramente, e quase nunca no Brasil, os tradutores recebem mais por um trabalho mais “difícil”. Se um tradutor recebe entre R\$8 e R\$10 por página, ele não tem tempo de preocupar-se com precisão estilística, ou de buscar o melhor dialeto, equivalente ou analógico, para representar o dialeto estrangeiro que está traduzindo.⁷

O processo de tradução de obras infanto-juvenis, muitas das quais permeadas por gírias, neologismos e termos recentes do mundo virtual, não foge muito do ciclo capitalista “ganho mal, ofereço um resultado ruim”. Entretanto, não se pode ser arbitrário em afirmar que esse fator afeta *todas* as traduções e que tradutores não especializados *sempre* fazem um trabalho ineficiente. Encontram-se diversas traduções de má-qualidade nos últimos tempos, mas nem sempre por culpa do tradutor. Há muitas artimanhas por detrás do mercado da tradução e da vendagem de livros que o público desconhece:

Há contratos que impõem ao editor a manutenção de nomes próprios originais, privando o leitor infantil brasileiro da compreensão do humor que eles encerram. Ou impõem na área de tradução para filmes um *index* de palavras, um forma velada de censura a produtos culturais ditadas por noções de ‘política, religião e moralmente correto’.⁸

Tradutores que trabalham nas várias línguas da União Européia devem trabalhar coletivamente. O resultado é que nenhuma tradução leva a marca de um tradutor individual. Mas embora os tradutores trabalhem juntos, eles não têm nenhuma espécie de contato com os autores dos

⁷ MILTON, John. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002, p. 61.

⁸ WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p.15.

documentos, ou com o controle de qualidade, e podem mesmo serem solicitados para traduzir fragmentos desconexos.⁹

Milton¹⁰ cita ainda da tradução de fábrica, traduções produzidas à pressa com o objetivo de atender um mercado de massa. Fica claro que as traduções em ritmo industrial não combinam com o cuidado que a tarefa exige.

Ao que se percebe circulando no setor de infanto-juvenis em livrarias no Brasil, essas obras mais atuais normalmente são trabalhadas por tradutores menos conhecidos e/ou menos experientes, os quais normalmente são mais jovens (mais próximos da faixa etária do público leitor), aceitam um pagamento menor e têm a agilidade para a pressa das editoras. Conforme já mencionado, muitas vezes esse pagamento ineficiente, o prazo curto ou a inexperiência podem comprometer elementos importantes do texto, como as variações linguísticas.

De acordo com Preti¹¹, a sociolinguística é uma vertente da linguística que estuda as relações entre as variações linguísticas e as variações sociológicas e tem como objetivo o estudo da fala em situação de uso. O objetivo central da sociolinguística é relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social.

Preti¹² explica que, segundo a sociolinguística francesa, as variações extralinguísticas possíveis em um diálogo podem ser de três tipos: *geográficas*, que envolvem variações regionais; *sociológicas*, as quais compreendem as variações provenientes de idade, sexo, profissão, nível cultural, classe social, religião; e *contextuais*, que constam de tudo aquilo que pode determinar diferenças na fala do locutor, como, por exemplo, o assunto, o ouvinte, o lugar, a situação da conversa.

Dentro das variedades *geográficas*, também chamadas de *diatópicas*, existe uma oposição fundamental: a linguagem urbana contraposta à linguagem rural. Dentro delas, podem ocorrer outras variações, chamadas *socioculturais* ou *diastráticas*.

As variantes *diastráticas* podem ser influenciadas por fatores como a idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, bairro de residência e função.

⁹ MILTON, John. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002, p. 89.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

¹² *Ibidem*.

Da limitação da idade vêm questões como a linguagem da criança e o linguajar do jovem. O nível infantil – que pressupõe deficiências de articulação e léxico restrito –, e a problemática da gíria, tida como linguajar jovem, interessam particularmente a este estudo.

Conforme aponta Preti¹³, a sociolinguística, apesar de se ocupar principalmente das variações de linguagem oral, também não ignora o papel da língua escrita. A literatura também está no campo de interesse dessa ciência.

Nida¹⁴ já falava sobre a importância de ser levar em consideração, na tradução, aspectos sociolinguísticos como a variação etária, as diferentes situações, os dialetos geográficos e os tipos de discurso.¹⁵ O autor, porém, não desenvolve essa temática mais profundamente.

Um dos poucos artigos encontrados a respeito dos estudos sociolinguísticos dentro da tradução é de Tarallo¹⁶, um curto ensaio sobre a relevância dessa ciência para o processo tradutório. Ainda assim, o autor menciona bastante a tradução intralingual e estudos acerca do uso das variantes sociais culta e popular, e muito pouco a questão da tradução interlingual.

O processo tradutório, por ser um confronto entre duas línguas, envolve os condicionantes sociais que abarcam as mesmas, o que atribui relevância à sociolinguística para a teoria da tradução. O tradutor precisa fazer equivaler dois sistemas linguísticos diferentes de modo que ocorra o mínimo de perdas de informações possível. Essa equivalência se manifesta de maneira variável, o que evidencia a presença da sociolinguística na sistematicidade da heterogeneidade linguística. Além disso, cada tradutor é único, cada idioma tem suas peculiaridades e cada texto é singular, mas a língua é sempre um fenômeno social, e é refletindo sobre essa condição básica que Tarallo¹⁷ desenvolve sua teoria.

Para o autor, os elementos contextuais e co-textuais são essenciais para a percepção do texto da língua de partida e a remontagem deles para a língua de chegada. Elementos como as variantes gramaticais e lexicais não podem passar despercebidos:

¹³ Ibidem.

¹⁴ NIDA, Eugene & TABER, Charles. *The Theory and Practice of Translation*. Netherlands: United Bible Societies, E. J. Brill, 1974.

¹⁵ Sociological levels of language, situational levels of language, geographical dialects and types of discourse.

¹⁶ TARALLO, Fernando. “Aspectos sociolinguísticos da tradução”. In: Tradução e comunicação. Revista Brasileira de Tradutores, nº4, jul. 1984. São Paulo.

¹⁷ TARALLO, Fernando. “Aspectos sociolinguísticos da tradução”. In: Tradução e comunicação. Revista Brasileira de Tradutores, nº4, jul. 1984. São Paulo.

No momento do transporte de um sistema linguístico para outro, este entendimento, da PROdução do texto é analisado através da PERcepção do tradutor, a fim de que a MONtagem e DESmontagem do texto da língua de partida acarretem uma REMontagem fiel na língua de chegada, tal qual pretende a teoria da tradução das equivalências, das probabilidades.¹⁸ (grifos do autor).

A temática da gíria também é bastante pertinente para este estudo, uma vez que a tradução dela na obra em estudo apareceu em todos os volumes.

Novamente, recorre-se, sobretudo, aos estudos de Preti para compreender melhor esse fenômeno. O autor é um insigne acadêmico brasileiro e está majoritariamente atrelado a pesquisas sociolinguísticas no país.

Para Preti¹⁹, a gíria é uma decorrência da dinâmica social e linguística e se caracteriza como um vocabulário especial. Surge inicialmente como um signo de grupo, a princípio restrito – muitas vezes até secreto – a uma determinada comunidade social, para a qual servirá como um elemento diferenciador e um meio de auto-afirmação. O que ocorre com muitas gírias, porém, é a vulgarização, ou seja, o uso pela grande comunidade. Nesse caso, o vocabulário “perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando, desde então, de ser signo grupal.”²⁰

Estudo de caso: Captain Underpants

As Aventuras do Capitão Cueca (The Adventures of Captain Underpants) é uma série criada pelo escritor norte-americano Dav Pilkey. Lançada nos Estados Unidos em 1997, a série conta, até o momento (outubro de 2010), com oito livros, todos já traduzidos no Brasil e publicados pela editora Cosac&Naify. A tradução do primeiro volume foi publicada aqui em 2001.

Com leitores assíduos em vários países, a coleção consagrou Pilkey como um dos mais aclamados escritores de livros infantis da literatura contemporânea. Além do título, que já supõe comicidade, as histórias são repletas de episódios divertidos e impossíveis (professores que viram monstros, invenções malucas e privadas falantes, só para citar alguns). Os livros são escritos em linguagem mais coloquial, e as falas das personagens,

¹⁸ TARALLO, Fernando. “Aspectos sociolinguísticos da tradução”. In: Tradução e comunicação. Revista Brasileira de Tradutores, nº4, jul. 1984. São Paulo, p. 103.

¹⁹ PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz (EDUSP), 1984.

²⁰ *Ibidem*, p.3.

principalmente as das crianças, contêm diversas gírias e expressões típicas da modalidade oral.

O estudo da tradução dos livros da série também tem sua justificativa no fato de que é uma obra literária contemporânea lida por milhões de leitores e rica em elementos culturais, independente do julgamento estético que se faça da obra.

Jorge e Haroldo (*George and Harold*), as personagens centrais, são dois meninos arteiros, que frequentam a quarta-série da escola básica Jerome Horwitz. De acordo com a história, Jorge tem nove anos e “três quartos” e Haroldo tem dez anos de idade. Estão sempre criando situações engraçadas, e às vezes constrangedoras com todos – alunos, professores, funcionários – e levando o caos à escola. Depois da aula, eles vão para uma casinha em cima de uma árvore, onde brincam e criam histórias em quadrinhos (HQ), as quais vendem para os colegas na hora do recreio. A “editora” chama-se “Quadrinhos Casa na Árvore S/A”. Donos de uma imaginação muito fértil, criam um novo super-herói, o “Capitão Cueca”, protagonista de todos os quadrinhos. As HQ aparecem algumas vezes no meio da narrativa.

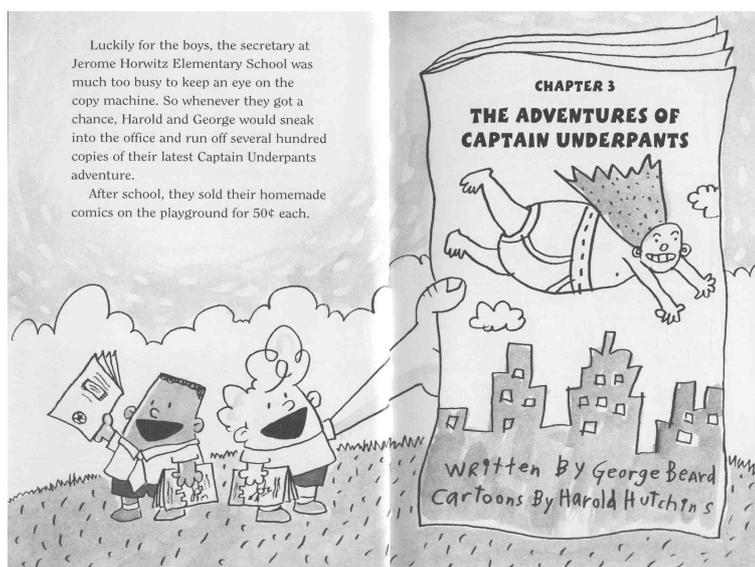


Figura 1 – Página de *The Adventures of Captain Underpants* – volume 1

O objetivo do autor com *As aventuras do Capitão Cueca* foi criar um estilo que atraísse as crianças que, assim como ele próprio quando pequeno, não gostam de ler. Produziu, então, um livro de figuras, mas em formato de romance, com uma média de cento e trinta páginas. Os capítulos são curtos e as páginas, sempre em preto e branco, normalmente apresentam mais imagens do que palavras. Os livros vêm intitulados como “romance épico” (*epic novel*).

O que chama bastante a atenção na publicação da série no Brasil é o fato da coleção ter sido traduzida por pessoas diferentes, quase todas desconhecidas, sendo que os três últimos volumes foram trabalhados pelo mesmo tradutor.²¹ Apenas um volume foi traduzido pela conhecida escritora Cristine Röhrig e pelo dono da editora, Charles Cosac.

O tratamento dado à tradução de uma obra depende de fatores diversos: da tipologia do texto, do autor, da época da publicação no país de origem e no país onde foi traduzida – e da distância temporal que os separa –, da ideologia do texto e do autor, das diferenças entre a língua de partida e a língua de chegada, dos objetivos da tradução, do conhecimento e formação do tradutor, dos interesses e exigências da editora. Por isso, cada tradução engloba aspectos diferentes que vão do procedimento escolhido para ela até interesses econômicos.

A realização desta pesquisa se justifica, pois, ao buscar detectar o enfoque, as qualidades e/ou ineficiências na tradução do livro *Captain Underpants*. O embasamento teórico sobre tradução e sociolinguística é de total relevância, pois sustenta a avaliação feita na análise que se segue.

Além disso, por meio do cotejamento entre os diversos volumes, é possível discutir qual tradutor conseguiu atingir o efeito cômico do texto original de maneira mais efetiva, uma vez que esse é o grande mote do livro em inglês.

Lajolo e Zilberman referem-se ao árduo trabalho do escritor para conquistar seu público: “a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura”²². O tradutor, por sua vez, precisa manter estes artifícios para também ter sucesso entre os leitores do país para qual traduz.

A série *Captain Underpants* apresenta um linguajar da variante social urbana, e fica em uma posição intermediária no *continuum* oralidade e escrita, aproximando-se da linguagem falada (mais coloquial), principalmente na fala das personagens, porém não se chocando contra as tradições escritas (obediência à ortografia e gramática) – exceto nas HQ inseridas na trama.

²¹ Não foram encontradas biografias a respeito dos tradutores. Sobre o que traduziu três volumes, encontraram-se algumas informações. Embora não seja um profissional formado e renomado, Daniel Lembo Schiller se destaca por ser um tradutor “mirim”. Em 2004, com apenas 12 anos, traduziu o sexto volume da série. Depois, traduziu os dois volumes subsequentes e também de Dav Pilkey os livros *Ricky Ricota* e *Superbebê Fraldinha*.

²² LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2003, p.9.

A representação da oralidade no livro fica por conta da linguagem mais coloquial do texto e das construções repetitivas e pouco complexas das HQ inventadas pelas personagens, mas no que cerne aos erros ortográficos, existe simplesmente uma representação dos desvios comuns das crianças em fase de alfabetização.

Observa-se que o fato de ter havido diferentes tradutores acabou por levar a escolhas distintas na hora da tradução. Há uma inconsistência de alguns termos recorrentes e até mesmo no critério do que traduzir – os nomes de algumas personagens, por exemplo, são traduzidos em alguns volumes e não em outros. Em não havendo um glossário, ou uma diretriz da editora (contatada por e-mail, a editora não respondeu se os há) esse resultado não poderia ser diferente:

Como todo acontecimento, qualquer uso da língua se individualiza por idiossincrasias do locutor e/ou de seu interlocutor (...) Assim, cada uso da língua envolve um conteúdo e uma forma próprios, produzindo efeitos de forma e de sentido (como os efeitos estilísticos).²³

No quadro abaixo, é possível verificar a variabilidade na tradução em diferentes volumes da série.

Quadro 1 – Como alguns itens lexicais foram traduzidos

Termo em inglês	Como foi traduzido para o português do Brasil		
We rule!	Livro 4 Animal!	Livro 6 Nós arrasamos!	
Rats!	Livro 4 Ratos!	Livro 8 Raios!	Livros 2 e 3 Sacanagem!
Mrs. Anthrope (school secretary)	Livro 5 Sra. Castália (único volume em que o nome foi traduzido)		
Mr. Rected (counselor)	Livro 4 Sr. Justo (único volume em que o nome foi traduzido)		
Melvin Sneedly	Livro 2 Melvin Kapaz (único volume em que o nome foi traduzido)		

²³ RANGEL. Introdução In BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p.13.

detention room	Livro 5 sala da detenção	Livro 2 sala de castigo	Livro 6 sala do castigo
Aw, man!	Livro 8 Ah, cara!	Livro 2 Que droga, cara!	Livro 4 Pô, cara!
I'll get a life.	Livro 2 Eu vou ter uma vida.		
Remember that now. (aparece na apresentação dos protagonistas, é igual em todos os livros)	Livros 1, 2, 3 e 4 Não esqueça quem é quem.	Livros 5, 6, 7 e 8 Lembre-se disso.	
mean old "principle"	Livro 5 diretor pé no saco	Nos outros livros Diretor mau, diretor "véio" e "xato", diretor malvado	
"Faster than a waistband, more powerful than boxer shorts and able to leap tall buildings without getting a wedgie" (Trecho da HQ sempre constante quando Captain Underpants surge. É um chavão que traz humor e recorrência).	Livro 1 "Era mais rápido que um elástico solto depois de esticado, mais poderoso que uma cueca samba canção, e conseguia pular sobre arranha-céus sem a cueca apertar suas pernas" Livro 2 "Era mais rápido do que uma cueca esticada, mais poderoso do que um calção de boxeador, e capaz de saltar vários prédios sem fazer esforço"	Livro 3 "Era mais veloz que um elástico solto depois de esticado, mais poderoso do que um calção de boxeador, e capaz de pular prédios altíssimos sem perder a cueca" Livro 4 "Era mais rápido do que uma cueca lançada, mais poderoso do que um calção de boxeador, e capaz de pular altos edifícios sem fazer o menor esforço"	Livro 5 "Agiu mais rápido do que um avião, talvez até mais rápido que a velocidade da luz, capaz de voar até o teto dos edifícios mais altos e saltar de um para o outro sem o menor problema"

Encontra-se uma inconstância no uso de certos termos. Em alguns casos, não há implicações para a escolha lexical (maluco ao invés de doido, menino em vez de garoto), mas algumas vezes, o procedimento pode trazer problemas para a compreensão ou o grau de informalidade do texto, ou ainda para a identificação de uma personagem, cujo nome ocasionalmente varia.

Ademais, alguns itens lexicais fogem da naturalidade na língua alvo, pois não são comuns na Língua Portuguesa do Brasil expressões como “Ratos!” para designar insatisfação ou surpresa, bem como as escolas não têm uma sala de detenção, vocábulo com outra conotação no português usual. “Eu vou ter uma vida” também não soa familiar aos ouvidos brasileiros; comumente diz-se “Eu vou acordar para a vida” ou “Eu vou ficar ligado”.

Depara-se também com trechos inteiros modificados. Curiosamente, o quinto livro da série, traduzido por uma escritora, foi o qual mais apresentou acréscimos, omissões e termos da variante culta, não condizentes com a característica da obra. Comparando todos os volumes traduzidos, nota-se que este é o que se afasta mais do estilo “Pilkey”. Ao que parece, o tradutor-escritor muitas vezes acaba por traduzir mais livremente uma obra e, consciente ou inconscientemente, tende a aplicar seu estilo no texto de chegada. Tatiana Belinky alerta para essa propensão:

Também não se deve desprezar o perigo que ronda o tradutor quando ele próprio é um escritor. Normalmente isso é bom, mas nem sempre: até nesse caso existem exceções – como quando, por exemplo, falta ao tradutor-escritor certa dose de saudável humildade pessoal e profissional, para não cair nessa outra tentação – a de impor ao leitor o seu próprio ‘estilo’, em vez do estilo do autor original. É quando o mesmo escritor traduz vários autores de livros diversos, o resultado é que se perdem a ‘voz’ e o ‘jeito’ do autor original, em ‘benefício’ da ‘voz’ do tradutor.²⁴

Foram selecionados alguns excertos nos quais o humor se esvaiu por conta da falta de fidelidade, ou nos quais a tradução ficou muito diferente do sentido original e, muitas vezes, atrapalhou a compreensão da história.

Quadro 2 – Levantamento de traduções imperfeitas

Original (Livro 5)	Tradução (Livro 5)	Tradução sugerida (motivo)
p.6 “read this comic book to fill yourself in on the story”	“leia este livro e escolha um personagem com quem você se identifique”	Leia este gibi para ficar a par da história (tradução era imprecisa).
p.9 “If you see Captain Underpants”	“Em contrapartida, caso você encontre o Capitão Cueca”	Se você encontrar o Capitão Cueca (trecho está no gibi dos meninos; “em contrapartida” e “caso você encontre” não parecem linguagem infantil).

²⁴ BELINKY, Tatiana. Introdução In SILVEIRA, Brenno. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos, 2004, p.10.

<p>p.15 “The staff is throwing a retirement party for me today... during recess”.</p>	<p>“Fiquei sabendo que a escola vai fazer uma festa de despedida para mim (...) só que a festa será nas férias de vocês.”</p>	<p>Só que a festa será durante o recreio de vocês (o termo <i>recess</i>, neste caso, refere-se à recreio, intervalo, e não a férias. Esse erro compromete o entendimento da página 39, em evento que ocorre no mesmo dia “Jorge e Haroldo voltaram para a sala de aula a tempo de pegar a festa de despedida da Sra. Ribble”).</p>
<p>p.18 “ ‘Can we make our own poems?’ asked Melvin Sneedly. ‘No!’ snapped Ms. Ribble.”</p>	<p>“ ‘Não podemos escrever nosso próprio poema?’, perguntou Maria. ‘Não, porque você é muito burra para escrever poemas’, respondeu a sra. Ribble.”</p>	<p>‘Não podemos escrever nossos próprios poemas?’, perguntou Melvin Sneedly. ‘Não, retrucou a sra. Ribble’. (primeiro, a personagem de Melvin, um menino, aparece em várias histórias, não há porque trocá-la. Segundo, não existe a ofensa da professora no texto fonte; isso não acontece em nenhum volume da série e é dispensável).</p>
<p>p.22 “She gave us lots of homework and yelled at us all the time”</p>	<p>“Ela passava páginas e páginas de lição e não parava de cagar regras nos ouvidos dos alunos”.</p>	<p>Ela dava um monte de lição de casa e gritava com a gente o tempo todo (O termo “cagar” não existe no original, é desnecessário, e é a primeira vez que aparece uma palavra mais “indecorosa”. Em nenhum livro na língua original aparecem termos mais “apelativos” para a criança. Nas traduções também não).</p>
<p>p.33 “Cheerleader tryouts today”</p>	<p>“Seleção de palhaços”</p>	<p>“Seleção de líderes de torcida” (é comum o conceito para as crianças).</p>
<p>p.33 “Football practice re-scheduled. All football player report to teachers lounge for early practice. Food fight @ 12:15 in the lunchroom” (circular da escola modificada por George e</p>	<p>“Jogo de bola remarcado. Neste dia, todos os jogadores serão premiados com mais um dia sem aula”</p>	<p>Jogo de bola remarcado. Todos os jogadores devem ir à sala dos professores para treinar. Guerra de comida no refeitório às 12h15. (tradução está muito distante do texto de partida e acarretará na dificuldade de compreensão da página 52, totalmente gráfica com os elementos descritos na</p>

Harold)		circular – os alunos estão na escola; há jogadores amontoados dentro da sala dos professores e diversas crianças fazendo guerra de comida).
---------	--	---

Uma pesquisa aprofundada e o conhecimento da obra como um todo são essenciais para um bom trabalho do tradutor. A identificação do tradutor com a obra e sua linguagem também auxilia na fluência no texto da língua de chegada. Em diversos momentos das obras traduzidas, observou-se uma falta de familiaridade com o texto e o estilo da obra, além da artificialidade na tradução de termos linguísticos característicos da faixa etária para a qual os livros se destinam.

O livro, muitas vezes, não está somente ligado à diversão das crianças e dos jovens, mas, principalmente, ao seu aprendizado. Por isso, deve-se estudar a fundo o mundo desses pequenos leitores, contribuindo, desse modo, para estimulá-los para que sejam leitores ativos e atentos. O mercado de tradução não pode ficar de fora dessa tarefa.

Uma melhor compreensão sobre termos culturais, gíria, oralidade e variantes linguísticas certamente contribuiriam para traduções mais fluentes e fiéis ao tom do texto original.

Está claro que traduzir não é tarefa fácil. É um processo que não significa simplesmente substituir um texto da língua de partida para língua de chegada. Envolve não só a língua, mas também a cultura, o contexto, o público alvo.

Referências Bibliográficas

BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BELINKY, Tatiana. “Introdução” In SILVEIRA, Brenno. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2007.

MILTON, John. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. London: Prentice Hall, 1988.

NIDA, Eugene & TABER, Charles. *The Theory and Practice of Translation*. Netherlands: United Bible Societies, E. J. Brill, 1974.

PILKEY, Dav. *The Adventures of Captain Underpants*. New York: Scholastic, 1997. (8 novels).

PILKEY, Dav. *As aventuras do Capitão Cueca*. São Paulo: Cosac&Naify, 2001. (8 volumes).

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz (EDUSP), 1984.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

TARALLO, Fernando. “Aspectos sociolinguísticos da tradução”. In: Tradução e comunicação. Revista Brasileira de Tradutores, nº4, jul. 1984. São Paulo.

RANGEL. “Introdução” In BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.